

SABOTAGEM DO NORD STREAM: ATO DE GUERRA NO INTERESSE DE WASHINGTON E DA “INICIATIVA TRÊS MARES”?

Por Pierre-Emmanuel Thomann*



Cúpula da Iniciativa Três Mares em Varsóvia, 2017 (3seas.eu).

A Iniciativa Três Mares é um projeto alinhado com as prioridades geopolíticas dos Estados Unidos, coerente com sua estratégia face à Eurásia para fazer frente à Rússia e à China, e também com sua ambição de se tornar grande exportador de gás de xisto.

A sabotagem dos gasodutos Nord Stream e o debate sobre suas responsabilidades ficarão como um dos grandes episódios de desinformação do campo atlantista no conflito na Ucrânia. Provavelmente nunca haverá confirmação oficial da identidade do patrocinador deste ato de terrorismo de Estado, já que tudo é feito para encobrir o caso.

Os governos envolvidos, Berlim e Paris em particular, estão em estado de espanto cúmplice. Seu silêncio sobre este caso, ou o embaralhamento de pistas, apoiados pela mídia dominante e pelos pseudo-especialistas que passam em *looping* nas televisões para retransmitir as narrativas atlantistas, é facilmente explicado. Eles não podem revelar a seus povos que seu suposto principal aliado, Washington, cometeu um ato de guerra contra seus próprios aliados, pois isso demonstraria que o conflito na Ucrânia é uma guerra provocada e mantida por Washington, não apenas contra a Rússia, mas contra a Europa como um todo. Toda a conversa sobre a chamada unidade ocidental e transatlântica seria irreparavelmente quebrada.

Assim que os gasodutos explodiram em setembro de 2022, quando a Rússia foi imediatamente apontada por especialistas que serviam ao campo atlantista, Moscou acusou Washington de estar por trás desse ato terrorista. As revelações do

jornalista investigativo americano Seymour Hersh ¹ sobre a sabotagem dos gasodutos Nord Stream reforçaram, no entanto, a tese da responsabilidade de Washington. Esta versão foi, sem surpresa, objeto de embargo da grande mídia, que são os porta-vozes dos governos dos estados membros da UE e da OTAN. A tentativa desajeitada de Washington de desviar através do *New York Times*², apontando a responsabilidade de um grupo pró-ucraniano, não convenceu ninguém e o ministro da Defesa ucraniano foi obrigado a desmenti-la, um raro episódio em que o regime de Kiev foi forçado a contradiz seu mentor³.

Também deve ser lembrado que Washington havia anunciado explicitamente sua intenção de se livrar dos gasodutos pela voz do presidente Biden⁴. Os Estados envolvidos na investigação também enfatizaram que os resultados das investigações permaneceriam confidenciais, obviamente a verdade não é boa para se dizer⁵. A hipótese da responsabilidade de Washington como patrocinador da sabotagem dos gasodutos Nord Stream é, portanto, a mais provável e, de fato, a única pista crível.

A falta de reação dos governos europeus em questão, Alemanha, França e Holanda, alvos diretos desse ato de terror que pode ser equiparado a um ato de guerra, revela o grau inédito de submissão geopolítica de sua classe política a Washington.

E se analisarmos esse evento do ponto de vista geopolítico, chegamos à mesma conclusão: responsabilidade de Washington. Colocar este ato de guerra no contexto do projeto geopolítico “Iniciativa Três Mares” (“Three Seas Initiative”), iniciado por Varsóvia com o apoio de Washington, mas imaginado por um *think tank* americano, revela o lado de baixo dos mapas geopolíticos.

A INICIATIVA TRÊS MARES

O projeto “Iniciativa Três Mares” (I3M) reúne doze países da Europa Central e Oriental localizados entre o Mar Báltico, o Mar Negro e o Mar Adriático: Polônia, Hungria, República Checa, Eslováquia, Romênia, Bulgária, Lituânia, Estônia, Letônia, Croácia, Eslovênia e Áustria. Quinze outros participantes optaram por se associar a determinados projetos, incluindo a Ucrânia. O objetivo desta iniciativa é fortalecer a conectividade dentro desta área geográfica, desenvolvendo infraestrutura de transporte rodoviário, ferroviário e aquaviário, infraestrutura energética, como gasodutos e redes elétricas, e infraestrutura digital. Os objetivos declarados são o reforço do desenvolvimento econômico, a coesão na União Europeia e as ligações transatlânticas⁶.

¹ <https://velhogeneral.com.br/2023/02/09/como-os-eua-derrubaram-o-gasoduto-nord-stream/>

² <https://www.nytimes.com/2023/03/07/us/politics/nord-stream-pipeline-sabotage-ukraine.html>

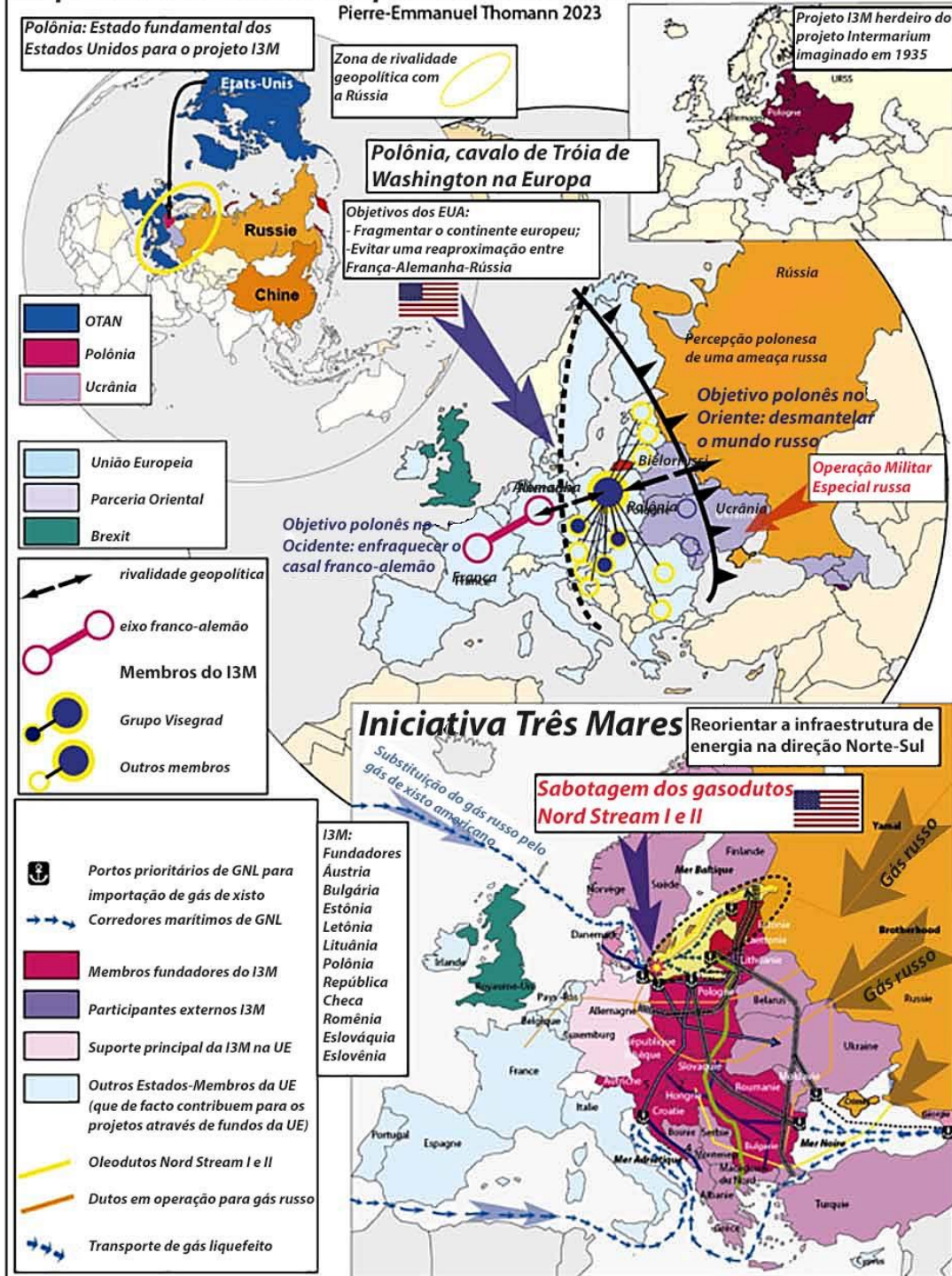
³ <https://www.reuters.com/world/europe/zelenskiy-aide-kyiv-absolutely-not-involved-nord-stream-attack-2023-03-07/>

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=k93WTecbbs>

⁵ <https://www.epochtimes.fr/la-suede-quitte-lenquete-conjointe-sur-la-fuite-du-nord-stream-et-refuse-de-partager-ses-conclusions-invoquant-la-securite-nationale-2135764.html>

⁶ “Os pilares fundamentais da Iniciativa Três Mares são três: desenvolvimento econômico, coesão europeia e laços transatlânticos. A natureza mutável do ambiente global exige seu fortalecimento para enfrentar novos

Iniciativa Três Mares (I3M): projeto americano-polonês para torpedear um acordo europeu com a Rússia



desafios e superar ameaças dinâmicas. Em primeiro lugar, a Iniciativa procura contribuir para o desenvolvimento econômico da Europa Central e de Leste através da conectividade de infraestruturas, principalmente, mas não apenas no eixo Norte-Sul, em três áreas principais – transportes, energia e digital. O segundo objetivo é aumentar a convergência real entre os Estados-Membros da UE, contribuindo assim para uma maior unidade e coesão na UE. Isso permite evitar divisões artificiais entre Leste e Oeste e estimular ainda mais a integração na UE. Em terceiro lugar, a Iniciativa destina-se a contribuir para o reforço dos laços transatlânticos. A presença econômica dos EUA na região fornece um catalisador para uma parceria transatlântica aprimorada.” (<https://www.three.si/2019-summit>).

A ideia central é desenvolver a infraestrutura de energia e comunicação ao longo de um eixo Norte-Sul, já que a infraestrutura atual é orientada na direção Leste-Oeste vindo da Rússia. Estas infraestruturas herdadas da história são consideradas fatores de dependência geopolítica face a Moscou, mas também favorecem a dominação econômica da Alemanha desde o alargamento da UE aos países da Europa Central e Oriental. A I3M foi lançada conjuntamente em 2016 pela Polônia e Croácia. Formalizada durante a primeira cúpula em Dubrovnik em 25 e 26 de agosto de 2016, uma segunda cúpula foi realizada em Varsóvia em 6 e 7 de julho de 2017. Este projeto começou a atrair a atenção de outros membros da União Europeia, em particular devido à presença de Donald Trump.

O presidente austríaco, Alexander Von der Bellen, destacou que o projeto veio de *think tanks* americanos⁷ e foi ativamente promovido desde o início pelo *think tank* atlantista Atlantic Council. Ian Brzezinski, filho de Zbigniew Brzezinski, apoia ativamente a I3M como consultor estratégico do Atlantic Council⁸. Uma publicação deste *think tank* prenuncia com muita precisão a I3M de 2014⁹, ou seja, sob a presidência de Obama. Promove um corredor de transporte Norte-Sul, alinhado com os interesses geopolíticos dos Estados Unidos, a fim de garantir a resiliência dos países da Europa Central e Oriental frente à Rússia.

ORIGENS GEOPOLÍTICAS DO PROJETO E SEU ATUAL RENASCIMENTO

As origens da Iniciativa Três Mares são antigas. A I3M é herdeira das representações geopolíticas polonesas que surgiram após a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente do projeto Intermarium (tradução latina de Międzymorze em polonês) do general Josef Pilsudski. As ideias-chave desse antigo projeto reapareceram na atual configuração geopolítica. Tendo a Polônia sido várias vezes espartilhada ao longo da sua história em benefício do Império Alemão e da Rússia, o general Pilsudski procurou, desde a década de 1920, promover uma Europa Central e Oriental preservada dos apetites geopolíticos de seus vizinhos, criando uma federação de Estados localizados entre os mares Báltico, Negro e Adriático – o Intermarium – para se proteger da URSS e da Alemanha. O projeto do general Pilsudski pretendia garantir a sobrevivência da Polônia, mas foi abandonado às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

A ideia, porém, sobreviveu dentro da diáspora polonesa nos Estados Unidos, próxima aos estrategistas americanos. Isso resultou na criação de uma forte sinergia entre as visões geopolíticas americana e polonesa, desde a Guerra Fria até hoje¹⁰. A Iniciativa Três Mares é, portanto, uma aquisição americano-polonesa do

⁷ <https://www.bundespraesident.at/aktuelles/detail/drei-meere-initiative-2018>

⁸ <http://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/the-three-seas-summit-a-step-toward-realizing-the-vision-of-a-europe-whole-free-and-at-peace>

⁹ http://www.atlanticcouncil.org/images/publications/Completing-Europe_web.pdf

¹⁰ Laruelle Marlène, Riviera Ellen, *Imagined Geographies of Central and Eastern Europe: The Concept of Intermarium*, Institute for Russian European, and Eurasian studies, The Georges Washington University, IERES Occasional Papers, Março de 2019 (https://www.ifri.org/sites/default/files/atoms/files/laruelle-riviera-ieres_papers_march_2019_1.pdf).

Intermarium. Inicialmente, para Varsóvia, o Intermarium pretendia promover uma terceira via entre os impérios russo e alemão. Mas a configuração geopolítica é hoje diferente porque a Polônia e a Alemanha, ambas membros da Aliança Atlântica, são agora aliadas. Não há, portanto, mais qualquer desejo de formar uma Europa mediana independente da UE e da OTAN. Hoje o projeto é apresentado com argumentos geoeconômicos, como a necessidade de reduzir a dependência do gás russo e a hegemonia econômica e política alemã na UE.

No entanto, as apostas geoestratégicas são muito reais e permanecem implícitas. De fato, desde o regresso da rivalidade entre as potências europeias e mundiais – Rússia, Estados Unidos, China e países membros da União Europeia –, o dilema geopolítico da Europa mediana e sua segurança está ressurgindo. Os países da Europa Central e Oriental que são membros da UE e da OTAN são hoje considerados pivôs geopolíticos.

Embora a configuração internacional tenha evoluído, as constantes geográficas e geopolíticas permanecem, e a percepção da Polônia sobre sua segurança decorre de representações históricas que persistem independentemente do governo. A desconfiança de Varsóvia em relação à Rússia experimentou uma nova atualidade com a crise na Ucrânia de 2014 e levou os poloneses a consolidar sua segurança. Aos seus olhos, o casal franco-alemão não é considerado totalmente confiável, porque é muito complacente com a Rússia e a UE está muito dividida para se afirmar. O projeto visa, portanto, agora desenvolver-se em sinergia com a UE e a OTAN. O primeiro objetivo dos poloneses é conter a Rússia, vista como a principal ameaça, mas também equilibrar a Alemanha, com quem as divergências se acumularam.

A Iniciativa Três Mares é, portanto, para a Polônia, um projeto que visa reduzir a dependência de Moscou e manter a ligação transatlântica. Para Varsóvia e seus aliados dentro do I3M, a aliança privilegiada com os Estados Unidos é considerada necessária para aumentar sua margem de manobra na UE. O foco na ameaça russa permite que a Polônia se posicione como pivô geopolítico regional no flanco oriental da OTAN. Está assegurado o apoio dos Estados Unidos para se tornar o líder regional da UE e da OTAN. Varsóvia participa de numerosos projetos de defesa com os Estados Unidos¹¹, uma área em que a União Europeia permanece secundária, apesar dos progressos recentes.

A UE, por outro lado, é uma organização útil para a obtenção de financiamento – fundos estruturais e fundos de coesão – para infraestruturas¹². A desconfiança em relação à Alemanha também se cristalizou com o comissionamento do gasoduto Nord Stream I¹³, inaugurado em 2001, que abastece Berlim com gás russo através do Mar Báltico, e que deveria ser duplicado graças ao Nord Stream II. Este projeto foi erroneamente descrito por Varsóvia como o “segundo pacto Molotov-Ribbentrop”. As antigas representações históricas foram reativadas nesta ocasião,

¹¹ Montgrenier Jean-Sylvestre, Dubois-Grasset Jeanne, *La Pologne, acteur géostratégique émergent et puissance européenne* (<http://institut-thomas-more.org/2018/06/30/la-pologne-acteur-geostrategique-emergent-et-puissance-europeenne/>)

¹² <https://www.ft.com/content/2e328cba-c8be-11e8-86e6-19f5b7134d1c>

¹³ <https://www.ft.com/content/eb1ebca8-9514-11e5-ac15-0f7f7945adba>

ilustrando a permanência dos temores históricos dos países da Europa Central em relação às potências vizinhas que sempre os dominaram.

SINERGIA ENTRE OTAN, PARCERIA ORIENTAL DA UE, PROGRAMA PESCO E I3M

Os poloneses têm conseguido reunir em seu benefício as várias iniciativas tomadas a nível europeu, como a Parceria Oriental da UE, mas também o novo programa PESCO¹⁴ lançado por Bruxelas na área da defesa. Seu objetivo é atrair o máximo de financiamento europeu para as suas prioridades. O principal componente do programa PESCO é o projeto “Mobilidade”¹⁵ destinado a atualizar e desenvolver infraestrutura para melhorar a mobilidade das forças armadas da OTAN.

Esta prioridade é também um objetivo dos serviços da Comissão Europeia dedicados às infraestruturas¹⁶, sublinhado na declaração conjunta OTAN-UE¹⁷. A ligação entre a I3M e os interesses da Aliança Atlântica é, portanto, óbvia. O general americano Ben Hodges, ex-comandante das forças americanas na Europa (EUCOM), declarou que as infraestruturas do projeto PESCO correspondentes às prioridades da I3M – em particular Rail Baltica e Via Carpatia – eram uma prioridade¹⁸. Por outro lado, manifestou-se contra a instalação de uma base americana na Polónia, para não dividir os aliados¹⁹.

A Parceria Oriental da UE foi imaginada pelos poloneses e promovida com os suecos. Vem da doutrina Sikorski, que visa estabelecer uma zona tampão contra a Rússia²⁰. Assim, a Parceria Oriental, a I3M e o projeto PESCO fazem parte da estratégia de segurança de Varsóvia em relação a Moscou. O desejo do governo polonês de sediar uma base militar da OTAN em seu território é mais uma prova da consistência das intenções polonesas. Esta convergência de projetos a nível regional mostra que a Polónia está utilizando a I3M como instrumento de influência e desenvolvimento económico, mas também como instrumento de garantia da sua segurança. Varsóvia também conta com os Estados Unidos, que estão envolvidos em uma manobra em escala europeia – principalmente para conter a Alemanha e manter a UE sob sua influência – mas também em escala global em relação à Rússia e à China. Vamos examinar essas questões.

¹⁴ “Cooperação Permanente Estruturada”. Este projeto visa tornar a política europeia de segurança e defesa mais vinculativa. Os Estados-Membros comprometem-se a implementar projetos de defesa selecionados em conjunto.

¹⁵ <https://www.consilium.europa.eu/media/32079/pesco-overview-of-first-collaborative-of-projects-for-press.pdf>

¹⁶ https://ec.europa.eu/transport/themes/infrastructure/news/2018-03-28-action-plan-military-mobility_en

¹⁷ <https://www.consilium.europa.eu/en/press/press-releases/2016/07/08/eu-nato-joint-declaration/>

¹⁸ <https://biznesalert.pl/hodges-centralny-port-komunikacyjny-mobilnosc-nato/>

¹⁹ <https://www.politico.eu/article/dont-put-us-bases-in-poland/>

²⁰ https://wikileaks.org/plusd/cables/08WARSAW1409_a.html

A SINERGIA ENTRE A I3M E O PROJETO GEOPOLÍTICO DOS EUA: RIVALIDADE COM A RÚSSIA E A ALEMANHA

Se nos referimos a questões geopolíticas à escala global, a Iniciativa Três Mares é um projeto que também está alinhado com as prioridades geopolíticas dos Estados Unidos. Seu envolvimento no projeto, desde o início, é coerente com sua manobra estratégica face à Eurásia para fazer frente à Rússia e à China, mas também com sua ambição de se tornar um grande exportador de gás de xisto.

Iniciativa Três Mares (I3M)

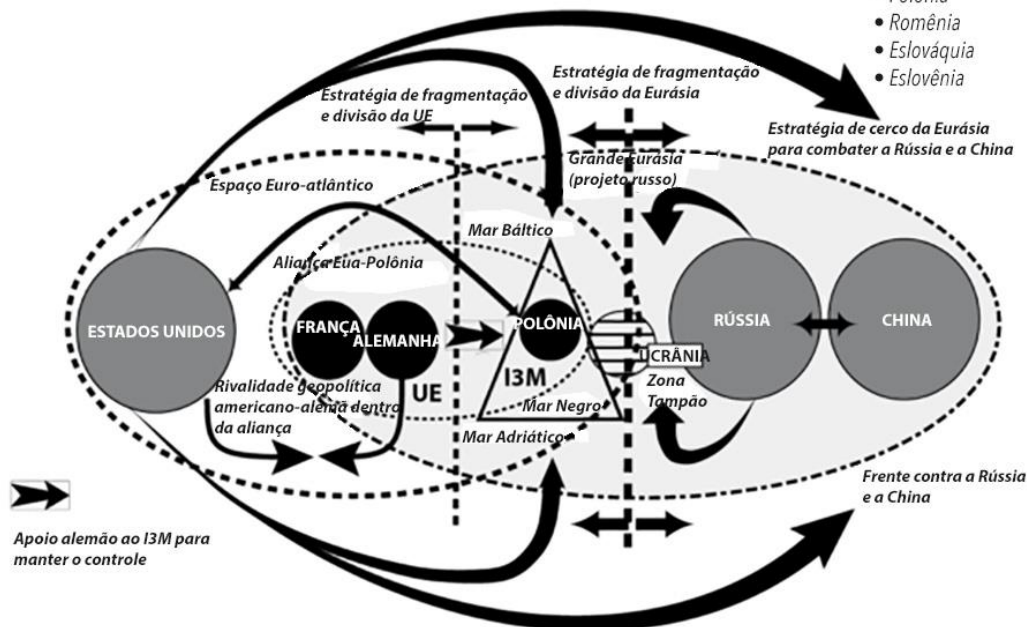
Estratégia dos EUA:

- Impedir um acordo geopolítico no eixo Paris-Berlim-Moscou;
- Fortalecer o peso de Varsóvia e das capitais da Europa Central e Oriental contra a Rússia com um espaço geopolítico destinado a isolar Moscou do resto da Europa;
- Parar as importações de gás russo para a Alemanha e a UE;
- Exportar gás de xisto americano para substituir o gás russo.

Pierre-Emmanuel Thormann - 2023

Participantes da I3M

- Áustria
- Bulgária
- República Checa
- Letônia
- Lituânia
- Polónia
- Romênia
- Eslováquia
- Eslovênia



O objetivo prioritário de Washington é controlar a Eurásia. Essa antiga preocupação é hoje reafirmada de forma explícita, a fim de preservar sua liderança mundial e retardar a emergência de um mundo multipolar²¹. Com notável continuidade, a estratégia dos Estados Unidos é, portanto, enfrentar a Rússia e ampliar o Rimland (segundo a doutrina geopolítica de Spykman), mas também fragmentar a Eurásia (segundo a doutrina de Mackinder) e separar a Ucrânia da Rússia (doutrina de Brzezinski). Essa constante geopolítica foi reafirmada no final da Guerra Fria com a doutrina de Wolfowitz (1992). Ele apontou que a missão dos Estados Unidos na era pós-Guerra Fria seria garantir que nenhuma superpotência rival surgisse na Europa Ocidental, na Ásia ou no território da antiga União Soviética²².

²¹ Foucher Michel, *La bataille des cartes, Analyse critique des visions du monde*, Françoise Bourin, 2011.

²² <https://www.nytimes.com/1992/03/08/world/us-strategy-plan-calls-for-insuring-no-rivals-develop.html>

A representação estratégica de Zbigniew Brzezinski²³ – que faz da fragmentação geopolítica do continente euroasiático um objetivo para uma integração reforçada dos Estados da Europa Ocidental no espaço euro-atlântico num eixo Paris-Berlim-Kiev – também exerceu importante influência²⁴ sobre a administração americana. Esse objetivo foi explicitamente repetido por Wess Mitchell, secretário adjunto de Estado para a Europa e Eurásia no Departamento de Estado do presidente Donald Trump. Ele recomenda a continuação da consolidação pelos Estados Unidos do Rimland europeu²⁵. Essa estratégia, combinada com a realizada na região do Indo-Pacífico, garante o cerco do continente eurasiático pelos Estados Unidos.

A I3M se encaixa perfeitamente nessa visão e é um dos instrumentos de Washington. Os Estados Unidos estão mais uma vez reinvestindo na Europa Central e Oriental como parte de sua manobra em relação à Eurásia. A Polônia é, portanto, o pivô que eles escolheram para preservar seu domínio do projeto europeu, e é por isso que eles estão empenhados em fortalecer o peso de Varsóvia dentro da UE. A Ucrânia também estava destinada a ganhar destaque na I3M. De fato, ligar Kiev à Europa Ocidental já estava em seus planos iniciais e confirma a própria natureza geopolítica desse projeto. O papel da Ucrânia é o de um território de trânsito para os corredores energéticos que permitem evitar a Rússia através do eixo Ásia Central/Sul do Cáucaso/Mar Negro.

A intervenção russa na Ucrânia a partir de 2023 frustrou esses planos, pelo menos no que diz respeito à inclusão de Kiev no projeto, opção que fica dependente do desfecho do conflito. É neste contexto que a I3M foi apoiada por Donald Trump durante a sua participação na Cúpula de Varsóvia²⁶, em 2017. O fortíssimo apoio do presidente americano ao I3M é, naturalmente, parte da rivalidade geopolítica entre os Estados Unidos e Rússia. Mas também está ligada ao desejo de Washington de exportar seu gás de xisto, que se tornou uma arma geopolítica para os Estados Unidos²⁷.

²³ Brzezinski Zbigniew, *The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives*, Basic Books, 1997.

²⁴ Justin Vaïsse, Zbigniew Brzezinski, *Stratège de l'empire*, Odile Jacob, 2016.

²⁵ De acordo com Mitchell, o objetivo dos Estados Unidos é evitar a dominação das massas eurasiáticas por potências hostis. Assim, ele especifica que “em três guerras mundiais, duas quentes e uma fria, ajudamos a unificar o Ocidente democrático para impedir que nossos brutais oponentes dominassem a Europa e o Rimland a oeste da Eurásia”. Sem surpresa, a Rússia e a China são apontadas como adversárias estratégicas dos Estados Unidos, já que a Guerra Fria terminou há mais de um quarto de século, enquanto “desafiam a supremacia e a liderança dos Estados Unidos no século XXI”. Encontramos, assim, com constância o objetivo dos Estados Unidos de controlar a Eurásia a fim de impedir que ali surja novamente um rival geopolítico e relativizar seu próprio poder mundial (<https://ee.usembassy.gov/a-s-mitchells-spec>).

²⁶ O presidente Donald Trump disse na Cúpula da Iniciativa Três Mares em 6 de julho de 2017 em Varsóvia que “A Iniciativa Três Mares transformará e reconstruirá toda a região e garantirá que sua infraestrutura, como seu compromisso com a liberdade e o estado de direito, liga você a toda a Europa e, de fato, ao Ocidente. (...) A Iniciativa Três Mares não apenas permitirá que seus povos prosperem, mas também que suas nações permaneçam soberanas, seguras e livres de coerção estrangeira. As nações livres da Europa são mais fortes e o Ocidente também. Os Estados Unidos se orgulham de ver que já estão ajudando os países dos Três Mares a alcançar a tão necessária diversificação energética. A América será um parceiro confiável e seguro na produção de tecnologias e recursos energéticos de alta qualidade e baixo custo”.

²⁷ O *Financial Times* apontou que “Donald Trump está fazendo uma mudança dramática na política energética dos EUA, usando as exportações de gás natural como um instrumento de política comercial, defendendo as vendas para a China e outras partes da Ásia em um esforço para criar empregos e reduzir os déficits comerciais dos EUA. Em uma tentativa de liberar os recursos energéticos dos EUA, Trump está tentando promover mais

Esse apoio também pode ser entendido no contexto de uma rivalidade que se tornou explícita entre Estados Unidos e Alemanha. A política “America First!” de Donald Trump – mais implícita do que explícita – resultou em intensa pressão política sobre a Alemanha, dando mais peso às críticas à Polônia. Ao vincular os assuntos de energia e segurança²⁸, Trump acusou Berlim de importar gás russo, de agravar o déficit comercial americano e de não contribuir financeiramente o suficiente para a OTAN. Essa pressão levou Berlim a importar gás de xisto americano e a abrir um porto destinado a receber gás natural liquefeito (GNL) no norte da Alemanha. Berlim, no entanto, continuou a defender firmemente o projeto do gasoduto Nord Stream II contra os conselhos de Washington e Varsóvia, até o lançamento da Operação Especial russa em fevereiro de 2022.

A SABOTAGEM DO NORD STREAM POR WASHINGTON: UM ATO EM SINERGIA COM OS OBJETIVOS DA I3M

A arma energética como instrumento geopolítico é particularmente importante para Washington. A sabotagem dos gasodutos Nord Stream, infraestruturas que evitaram a Ucrânia, mas favoreceram a Rússia e a Alemanha, deve ser vista no contexto do conflito atual, cujas apostas são aumentadas. A eclosão do conflito na Ucrânia provocado por Washington e Londres – em particular por causa do projeto de alargamento da OTAN – foi uma oportunidade para tomar decisões radicais para enfraquecer a Rússia e os Estados europeus, em particular a Alemanha, mas também a França, ao mesmo tempo.

Os Estados Unidos têm a ambição de exportar seu gás de xisto à custa das empresas energéticas europeias envolvidas na exploração de recursos da Sibéria (Rússia) e do projeto do gasoduto Nord Stream II. Desde o início da Operação Especial russa na Ucrânia, os Estados Unidos pressionaram seus aliados da OTAN para que parassem as importações de gás da Rússia pelos gasodutos Nord Stream, mas sem acabar com as que aconteciam pelos gasodutos que cruzavam a Ucrânia, para dar recursos e influência para Kiev.

Washington conseguiu o que queria e a sabotagem do Nord Stream em setembro de 2022 permitiu tornar esse ganho permanente, deixando claro para a Alemanha e seus parceiros que não haveria dúvida de usar esses gasodutos quando o conflito terminasse, porque a Rússia considerou repará-los²⁹. Com esta sabotagem, os Estados Unidos obrigaram, portanto, os europeus a operar uma reorientação geopolítica radical na direção dos objetivos da I3M, destinados a separar a Rússia da Europa Ocidental, reorientando as infraestruturas energéticas e de transporte e tornando-os mais dependentes do gás de xisto americano. A União Europeia vê-

exportações de gás natural liquefeito e não apenas usar o GNL como arma geopolítica visando nações como a Rússia, como era a posição de seu antecessor, Barack Obama”. “Trump procura aumentar as exportações de GNL na mudança comercial dos EUA”, Financial Times, 22 de junho de 2017 (<https://www.ft.com/content/c5c1958c-5761-11e7-80b6-9bfa4c1f83d2>).

²⁸ <https://www.euractiv.com/section/energy/news/kremlin-accuses-trump-of-trying-to-bully-europe-into-buying-us-lng/>

²⁹ <https://www.lalibre.be/economie/conjoncture/2022/10/14/nord-stream-une-grande-section-du-tuyau-doit-etre-coupee-et-remplacee-G6ROQC3BGZF4RLFWETGX7NQ6Q4/>

se assim reduzida ao estatuto de zona tampão no quadro da manobra americana na Eurásia, da qual se torna uma periferia cada vez mais dividida e explorada por Washington.

FORÇAR A ALEMANHA A ESCOLHER UM LADO E SE AFASTAR DA RÚSSIA

Vale ressaltar a posição de Berlim em relação ao projeto. Hoje, a Alemanha é uma potência central que continua a expandir-se para os países dos Balcãs, Europa do Leste e ex-repúblicas da ex-URSS (*Ostmitteleuropa*). A ideologia por trás dessa expansão é diferente da ideologia pangermânica das vésperas da Primeira Guerra Mundial porque é feita hoje em nome da “ocidentalização” e da “europeização” de seu flanco oriental, daí sua crescente rivalidade geopolítica com a Rússia.

Mas se a ideologia muda, os tropismos geográficos permanecem. Do ponto de vista geopolítico, a Alemanha procura ligar os países da Europa Central e Oriental – incluindo a Ucrânia – à zona euro-atlântica. O apoio dos Estados Unidos à I3M, no contexto dos crescentes desentendimentos com Donald Trump, indubitavelmente levou Berlim a participar do I3M, a fim de evitar que tomasse um rumo demasiado antialemão e para contrariar a política americana de apoio às iniciativas da Polônia. Os sucessivos governos alemães prosseguem assim a construção de uma zona tampão a leste, voltada para a Rússia, graças à Parceria Oriental da UE, que o I3M completa.

Economicamente, a Alemanha também conta com a abertura dos mercados dos países da Parceria Oriental, em particular a Ucrânia. Berlim considera-se responsável pela trajetória geopolítica deste país e utiliza a narrativa euro-atlântica para atingir seu objetivo. No entanto, até o início da ofensiva russa, a Alemanha considerava que precisava de gás e petróleo russos para manter seu *status* de potência econômica. No entanto, ainda permanece sob proteção militar americana, sendo o guarda-chuva nuclear dos Estados Unidos a defesa final do território alemão.

O apoio ao projeto da I3M e a aceitação das importações de gás de xisto dos EUA foram indiscutivelmente vistos por Berlim como o preço a pagar para preservar o Nord Stream II e sua posição como potência central na UE, tomando cuidado para conter a atitude hostil dos Estados Unidos³⁰ em direção a Moscou. O apoio da Alemanha ao I3M não eliminou, no entanto, a desconfiança de Varsóvia em Berlim, que é muito pronunciada nos círculos conservadores e pró-americanos³¹ na Polônia e na diáspora nos Estados Unidos. Varsóvia enfrenta, portanto, um dilema: manter seu domínio sobre a I3M, mas ao mesmo tempo atrair financiamento da UE com o apoio da Alemanha.

³⁰ *As sanções alemãs contra a Rússia sempre foram calibradas para não colocar em risco os interesses fundamentais de seu poder econômico, enquanto satisfaziam os Estados Unidos, mas também os países da Europa Central e Oriental, suspeitos em relação a Moscou. Foi uma política de equilíbrio, segurança e contenção geoestratégica da Rússia.*

³¹ <https://www.tysol.pl/a23593-Najnowszy-numer-%E2%80%9ETygodnika-Solidarnosc%E2%80%9D-Po-co-Niemcom-Trojmorze->

Foi por ocasião do agravamento da crise na Ucrânia em 2022 que Washington decidiu não tolerar mais a política de equilíbrio alemã que combina uma aliança estratégica com a OTAN e uma aliança energética com a Rússia. A sabotagem do Nord Stream pelos Estados Unidos obriga Berlim a escolher definitivamente o campo ocidental contra a Rússia e a abandonar sua política de equilíbrio para se alinhar sob a hegemonia americana, tanto geoestratégica quanto geoeconômica.

O domínio incontestado de Washington também é possível pela incapacidade dos franceses e alemães de chegar a um acordo sobre uma arquitetura de segurança europeia que poderia dar à UE mais independência em relação aos Estados Unidos, como em questões energéticas em que eles permanecem rivais. A decisão da Alemanha de eliminar gradualmente a energia nuclear e depender maciçamente da importação de gás russo, sem consultar a França, sem dúvida explica a falta de reação de Paris à sabotagem americana, de acordo com um sentimento de *Schadenfreude* (“se alegrar com o infortúnio dos outros”), mesmo que os interesses de Paris também sejam afetados. O campo dos atlantistas franceses, que sempre temeram o eixo germano-russo, também saiu fortalecido. A rivalidade geopolítica franco-alemã é uma falha do projeto europeu que os americanos sempre exploraram para enfraquecê-lo e conduzi-lo a seu favor.

SUCESSO DA ESTRATÉGIA AMERICANA E MUDANÇA DO CENTRO DE GRAVIDADE DA UE

A sabotagem do Nord Stream pelos Estados Unidos insere-se em sua estratégia geopolítica de fragmentação do velho continente de forma a torpedear qualquer acordo europeu – mas também eurasiático – e a constituição de um eixo Paris-Berlim-Moscou. Além disso, Washington está determinada a continuar cercando a Eurásia contra a Rússia e a China, a fim de preservar sua supremacia na Europa e no mundo. A Iniciativa Três Mares é um dos instrumentos dessa estratégia. Neste contexto, a sabotagem dos gasodutos Nord Stream é um ato de guerra contra a Rússia, mas também contra a Alemanha, França e Holanda, e um ataque à sua soberania. É um ato de hostilidade contra a ideia de um projeto europeu independente incluindo a Rússia, segundo a visão gaullista de uma “Europa europeia” que se opõe à “Europa americana”.

A UE é a última área do mundo onde os Estados Unidos ainda podem exercer sua hegemonia hoje sem nenhum obstáculo real. Mas eles podem manter a pressão de forma sustentável sobre a classe política do velho continente apenas aterrorizando os europeus por meio de atos como a sabotagem de gasodutos.

A política de Washington, ditada por ideólogos neoconservadores impulsionados pela preservação da supremacia americana a todo custo, representa uma grande ameaça geopolítica para as nações europeias, especialmente a França e a Alemanha. A sua falta de reação explica-se pela escravização geopolítica dos seus governos, cuja legitimidade apenas deriva do pertencimento ao campo atlantista sob a liderança de Washington, a quem juraram fidelidade, e não mais dos seus povos, aos quais não podem proteger.

Paris e Berlim estão, assim, engajados em uma corrida desenfreada que os coloca em uma situação de co-beligerância com a Rússia, para grande benefício dos interesses americanos e de seu instrumento, o regime de Kiev. As consequências previsíveis para os europeus são uma nova crise econômica, a desindustrialização em benefício dos Estados Unidos, uma queda no padrão de vida e uma desestabilização duradoura do continente por um conflito militar que pode levar a uma terceira guerra mundial.

A proposta da I3M, que atrai cada vez mais investimentos da UE e da Alemanha, está deslocando o centro de gravidade geopolítico da União Europeia para o leste. A consolidação da Alemanha em uma posição central e a confirmação de uma ruptura entre a Rússia e uma UE dominada pelas prioridades alemãs e polonesas apoiadas pelos Estados Unidos, irão reforçar os desequilíbrios geopolíticos na Europa. Tal desenvolvimento prejudica o eixo franco-alemão e agrava a rivalidade com a Rússia. No entanto, o eventual enfraquecimento econômico da Alemanha – cujo acesso ao gás e petróleo russos baratos é agora mais limitado – pode, no entanto, reduzir sua vantagem geopolítica.

Desde a reunificação alemã e o alargamento da UE à Europa Central e Oriental, está emergindo uma nova rivalidade geopolítica entre a Alemanha e a França³². De fato, o fortalecimento do *status* da Alemanha como potência central contradiz o projeto de vanguarda franco-alemã e de uma Europa com vários “círculos” defendida pela França. No passado, Paris procurou reequilibrar a UE em direção ao Mediterrâneo para conter a mudança de seu centro de gravidade geopolítico para o leste, provocando por sua vez iniciativas como a Parceria Oriental³³.

A crise econômica pode retardar a ascensão da I3M, mas se os fluxos de energia da Rússia secarem, seu objetivo geopolítico será alcançado. Sua consolidação resultará em uma política de compensação em relação à França, como vem sendo praticada desde a reunificação alemã? Segundo os planos de Washington, o GTI deveria possibilitar que os países membros da UE fossem “estados de frente” contra a Rússia, porque a Europa ficaria isolada de seu espaço oriental, como durante a Guerra Fria, o que a impediria de conduzir uma política equilibrada.

Berlim e Paris se atreverão um dia a retaliar contra a sabotagem dos gasodutos? A França finalmente desafiará com firmeza essa investida da UE em seu flanco oriental? Em relação à I3M, não há razão para Paris participar, através da UE, no financiamento de um projeto que leve à sua marginalização geopolítica. Se for legítima a construção de infraestruturas entre os países da Europa Central e de Leste, deve-se evitar a perturbação dos fluxos no sentido Leste-Oeste. A França tem interesse em garantir que os Estados participantes da I3M se posicionem

³² Thomann Pierre-Emmanuel, *Le couple, franco-allemand et le projet européen, représentations géopolitiques, unité et rivalités*, Le Harmattan, Paris, 2015.

³³ A Parceria Oriental foi promovida pela Polônia e Suécia para contrariar o tropismo euro-mediterrânico da França, no contexto da crise provocada pelo projeto de União Mediterrânea de Nicolas Sarkozy em 2007/2008. A Alemanha sempre apoiou a Parceria Oriental, mas atuando nos bastidores da União Europeia. Berlim bloqueou o projeto da União Mediterrânea da França para evitar uma divisão da UE e contrariar a emergência de Paris como líder dos países mediterrâneos como contrapeso à Europa alemã, a fim de evitar uma fragmentação da Europa em alianças variáveis, e para manter a França e os países do sul da Europa no seio da UE.

como pontes entre a Rússia e a UE, como a Hungria, e não como um subconjunto ferozmente oposto a Moscou, que divide a Europa.

Em 2014, a Rússia ofereceu à Ucrânia para se juntar ao seu projeto de União Eurasiática, mas o golpe em Kiev reorientou o país para o espaço euro-atlântico e um acordo de livre comércio com a UE. A Rússia desenvolveu então o projeto da Grande Eurásia em 2016, que não estava fechado à participação da União Europeia porque sua visão era a de uma convergência de interesses geopolíticos comuns a todo o continente³⁴. A Iniciativa Três Mares, que tende a privilegiar as relações Norte-Sul, contraria a visão Leste-Oeste que a Rússia procura manter.

No entanto, desde fevereiro de 2022, houve uma verdadeira histeria sobre uma ameaça russa, na realidade inexistente para os membros da OTAN³⁵, embora o conflito atual se deva principalmente ao não levar em conta os interesses de segurança da Rússia. Moscou reage de fato segundo as suas próprias representações, que decorrem do seu sentimento de cerco pela OTAN devido ao seu alargamento, à instalação de bases americanas na Europa de Leste e ao novo projeto de escudo antimíssil. As crises da Geórgia (2008) e da Ucrânia enquadram-se neste contexto³⁶.

Um melhor equilíbrio geopolítico na Europa é necessário para evitar a hegemonia de Washington que arrasta a França e os europeus para conflitos contra a Rússia e a China, em detrimento de seus interesses e em benefício exclusivo dos neoconservadores em Washington e das burocracias alinhadas da OTAN e da UE. Um confronto de longo prazo com Moscou deve ser evitado porque toda a Europa e sua proximidade geográfica serão afetadas.

Ao final do atual conflito, a melhor política para a França seria afirmar-se como potência de equilíbrio graças a uma aproximação franco-russa para contrabalançar o eixo euro-atlântico sob a hegemonia americana. Praticar o equilíbrio não é neutralidade, mas permite contrabalançar um polo excessivamente dominante com outro. Seria sensato que a França e os Estados abertos a uma retomada das relações com a Rússia – Itália, Espanha, Grécia, Chipre, mas também Hungria e Croácia, e esperançosamente a Alemanha, se romper com suas ilusões atlantistas – promovessem um novo equilíbrio mais favorável aos seus interesses.

Se Moscou permaneceu em conflito com o que chama de “o Ocidente coletivo”, a cooperação com os países ocidentais – os da era da Guerra Fria – permanecerá relevante de acordo com o Kremlin³⁷. Em escala global, o desafio dos europeus é

³⁴ Glaser Kukartseva, M. et Thomann, P.E., “The concept of “Greater Eurasia”: The Russian “turn to the East” and its consequences for the European Union from the geopolitical angle of analysis”, *Journal of Eurasian Studies*, 13(1), 3-15, 2022, (<https://doi.org/10.1177/18793665211034183>).

³⁵ Nenhum estado membro da OTAN protegido pelo Artigo V ainda teve uma disputa militar com a Rússia.

³⁶ Thomann Pierre-Emmanuel, “Guerre Russie-Geórgie: première guerre du monde multipolaire”, *Défense Nationale*, n° 10, outubro de 2008 (<http://www.ieri.be/fr/node/329>).

³⁷ Vladimir Putin se reúne com membros do Valdai Discussion Club. Transcrição da Sessão Plenária da 19ª Reunião Anual, 27 de outubro de 2022 (<https://valdaiclub.com/events/posts/articles/vladimir-putin-meets-with-members-of-the-valdai-club/>).

evitar um possível condomínio americano-chinês e a Rússia pode desempenhar um papel importante nessa perspectiva. Uma nova arquitetura europeia de segurança, frequentemente mencionada, mas nunca concretizada, incluindo a Rússia e a Ucrânia, continua a ser a condição, não só para a paz na Europa, mas também para o relançamento do projeto europeu rumo a uma Europa de nações soberanas, aliadas e interdependentes, em uma escala continental.

Publicado no [Cf2R](#).

****Pierre-Emmanuel Thomann** é pesquisador, conferencista e especialista francês em geopolítica. Possui doutorado pelo Instituto Francês de Geopolítica (IFG-Universidade Paris VIII, França, 2014). Ensina geopolítica na Universidade Lyon III Jean Moulin e ISSEP, em Lyon, França. É fundador e presidente de uma associação internacional (EUROCONTINENT) com sede em Bruxelas, Bélgica, que visa promover a análise geopolítica e promover a identificação de interesses comuns entre nações e estados a nível paneuropeu e da UE com foco sobre as relações franco-alemãs, relações UE-Rússia, bem como os espaços euro-atlânticos, euro-mediterrâneos e euroasiáticos (incluindo a Ásia Central).*
